



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

CAMILA CUNHA ALMEIDA

**A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS CONTOS
*ARAMIDES FLORENÇA E SHIRLEY PAIXÃO DO LIVRO INSUBMISSAS
LÁGRIMAS DE MULHERES***

ITABAIANA/SE
2025

CAMILA CUNHA ALMEIDA

**A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS CONTOS
*ARAMIDES FLORENÇA E SHIRLEY PAIXÃO DO LIVRO INSUBMISSAS
LÁGRIMAS DE MULHERES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI),
da Universidade Federal de Sergipe (UFS),
como requisito obrigatório para obtenção do
título de Licenciado(a) em Letras Português.

Orientadora Prof.^a. Dra. Sara Rogéria Santos
Barbosa

ITABAIANA/SE
2025

CAMILA CUNHA ALMEIDA

**A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS CONTOS
ARAMIDES FLORENÇA E SHIRLEY PAIXÃO DO LIVRO *INSUBMISSAS*
*LÁGRIMAS DE MULHERES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI),
da Universidade Federal de Sergipe (UFS),
como requisito obrigatório para obtenção do
título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientadora Prof.^a. Dra. Sara Rogéria Santos
Barbosa

Aprovado em de de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Sara Rogéria Santos Barbosa
Orientadora

Prof. Dr. Éverton de Jesus Santos (UFS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado sabedoria e forças durante toda a minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus pais Cleide e Gilmar, que sempre me incentivaram a estudar e nunca me deixaram desistir dos meus sonhos. Nunca mediram esforços para me ajudar a concluir minha graduação. Eu amo vocês e com fé em Deus honrarei todos os esforços que vocês fizeram para eu poder chegar até aqui.

Agradeço ao meu irmão Lucas, que sempre me apoiou e incentivou durante toda a minha licenciatura.

Agradeço aos meus colegas e amigos de turma, que sempre me apoiaram e incentivaram durante a graduação tornando o ambiente mais leve.

Agradeço a todo o corpo docente do Departamento de Letras Campus Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, que contribuíram para a minha formação, despertando o olhar crítico durante a graduação. Em especial a minha orientadora Profa Dra. Sara Rogéria Santos Barbosa, profissional e ser humano incrível que ensina com amor a literatura afro-brasileira e consegue fazer com que os alunos também se apaixonem por essa área da literatura. Gratidão por todos os ensinamentos e paciência durante a pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Éverton de Jesus Santos por todo ensinamento sobre literatura brasileira durante a graduação e por participar da banca do meu trabalho de conclusão de curso.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. (Conceição Evaristo)

RESUMO

No cotidiano brasileiro ocorreram diversos tipos de violência contra as mulheres, e um dos grupos mais impactados com a ampliação dessa violência são as mulheres negras. Este estudo tem como objetivo analisar a violência de gênero identificada em dois contos presentes na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, quais discursos apontam para a disseminação dessa formas de resistência que as protagonistas utilizam para superar a situação e como o patriarcado influencia na disseminação dessa violência. O problema que norteou a pesquisa foi como a narrativa de Conceição Evaristo em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* pode ser pensada como um instrumento interseccional de fortalecimento feminino e de denúncia contra a violência de gênero sofrida por mulheres negras? Para responder a essa pergunta, ocorreu a leitura cuidadosa dos contos acompanhada de uma revisão bibliográfica da literatura afro-brasileira para posterior análise de conteúdo. Além disso, leituras de intelectuais negras que falam sobre a violência de gênero como Bairros (1995), Carneiro (2019), Davis (2013), Gonzalez (1980), hooks (2018), Ribeiro (2017) e Saffioti (2015). Ao final do estudo, constata-se que a literatura afro-brasileira escrita por Evaristo usa o interseccionalidade como um instrumento de fortalecimento das lutas femininas contra a violência de gênero sofrida por mulheres negras, destacando a importância de dar vozes a essas mulheres.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira; Mulheres negras; Violência de Gênero; feminismo; Conceição Evaristo

ABSTRACT

Different types of violence against women occur daily in Brazilian daily life, and one of the groups most impacted by the increase in this violence are black women. In view of this, this work presents an interpretation of gender violence committed against black women in two short stories from the work *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, by writer Conceição Evaristo. The study aims to analyze the types of violence that occur in the work and what factors influence the dissemination of this violence, and identify what forms of resistance the protagonists use to overcome violence and how patriarchy influences the dissemination of this violence. The problem that guided the research was: Can Conceição Evaristo's narrative in *Insubmissas Tears of Women* be thought of as an intersectional instrument for female empowerment to denounce gender-based violence suffered by black women? To answer this question, a careful reading of the stories took place, as well as a bibliographical review of Afro-Brazilian literature. In addition, readings by black intellectuals who talk about gender violence such as Bairros (1995), Carneiro (2019), Davis (2013), Gonzalez (1980), hooks (2018), Ribeiro (2017), Saffioti (2015). At the end of the study, it appears that Afro-Brazilian literature written by Evaristo uses intersectionality as an instrument to strengthen female struggles against genderbased violence suffered by black women, highlighting the importance of giving voices to black women.

Keywords: Black women; Gender Violence; Afro-Brazilian Literature;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 As representações de violências em <i>Aramides Florença</i> e <i>Shirley Paixão</i>.....	15
1.1 Aramides Florença.....	18
1.2 Shirley Paixão.....	20
2 As estratégias de resistência e enfrentamento para superar a violência de gênero:.....	24
2.1 Aramides Florença.....	24
2.2 Shirley paixão.....	28
3 O patriarcado como influência na violência de gênero:.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a obra de Conceição Evaristo, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), que reúne 13 contos da escritora. Para esta pesquisa, selecionamos os contos *Aramides Florença* e *Shirley Paixão*. Este livro marca a estreia de Evaristo na literatura de contos e dá voz a personagens femininas negras, narrando histórias de superação que abordam experiências dolorosas como a maternidade solo, o estupro e a violência física e psicológica.

Maria da Conceição Evaristo Costa nasceu em Belo Horizonte (MG), em 29 de novembro de 1946. É a segunda dos nove filhos de Joana Josefina Evaristo Vitorino e Aníbal Vitorino. Conciliava o estudo no Instituto de Educação, tradicional escola pública onde concluiu o antigo Curso Normal, com o trabalho de empregada doméstica. Em 1973 deixa a capital mineira e parte para o Rio de Janeiro em busca de um concurso público para que pudesse exercer a profissão de professora. Todas as breves informações biográficas de Evaristo fazem parte dos estudos produzidos por Maria Consuelo Cunha Campos e Eduardo de Assis Duarte (2014).

Primeira de sua família a obter o diploma de curso superior, Conceição Evaristo formase em Letras-Português pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com a dissertação *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996) torna-se mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Pesquisando a relação entre a literatura afro-brasileira e a produção literária africana de língua portuguesa, com a tese intitulada *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), torna-se doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Tanto a dissertação quanto a tese colocam Evaristo dentro do escopo do que chamamos neste estudo de Literatura Afro-brasileira. A literatura afro-brasileira como assegura Duarte (2007) em suas análises, discute o papel fundamental dessa literatura na construção da identidade e resistência cultural do povo negro. Para ela, a literatura afro-brasileira é um campo de resistência onde as vozes marginalizadas se tornam protagonistas de suas próprias histórias, revelando a complexidade da experiência negra no Brasil. Seus estudos observam que a literatura afro-brasileira: “se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (Duarte, 2014, p. 259). Além disso, os autores afro-brasileiros transmitem para os seus

leitores, em seus textos, um discurso de reconstrução da memória afetiva e ancestral alimentando, com ele, o orgulho negro, ou seja, “um discurso caracterizado, seja no nível lexical, seja no nível dos símbolos utilizados pelo desejo de resgatar uma memória negra esquecida” (Duarte, 2005, p. 17).

Na historiografia literária nacional, frequentemente encontramos personagens femininas negras apresentadas como subalternas e estereotipadas, associadas a modelos de pobreza ou corpos sensualizados e sexualizados. Essa abordagem reduz suas experiências e identidades a estereótipos simplistas que não refletem a riqueza e a diversidade de suas vivências. Ao romper esses estereótipos, Evaristo adota a perspectiva da escritora Lélia Gonzalez, abordando as personagens femininas negras com uma ótica diferente do cânone nacional. Como se lê em “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1980), a referida teórica afirma que a mulher negra estava aprisionada em estereótipos com raízes na escravidão, aceitando um discurso que a apresentava apenas como um corpo desejado e disponível: “E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva” (Gonzales, 1980, p. 224).

Lélia Gonzales (1980) enfatiza que a literatura afro-brasileira não poderia ser completa sem a inclusão de vozes femininas. Para ela, ao contarem suas próprias histórias, as escritoras negras podem contribuir para a desconstrução de estereótipos que cercam as mulheres negras na literatura. Ela defende que a literatura afro-brasileira reflete a complexidade das múltiplas opressões enfrentadas por essas mulheres, e ao refletir essa complexidade, as autoras conseguem criar uma forma de representar a identidade feminina negra. Gonzalez afirmou que, “como mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar essa reflexão, em vez de continuarmos a reproduzir e repetir os modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais” (Gonzalez, 1984, p. 22).

A violência, conforme destaca Constância Duarte (2016), é um assunto pouco explorado na literatura escrita por mulheres, sendo muitas vezes reduzida a uma forma de violência simbólica. No entanto, acreditamos que a escrita afro-brasileira, de certa forma, desafia esse paradigma. A obra de Conceição Evaristo é um exemplo claro dessa produção literária que evidencia as violências enfrentadas pelas personagens negras, que se tornam protagonistas em suas narrativas. O termo violência aqui é utilizado no plural, pois, segundo Irme Salete

Bonamigo (2008), não há como pensar na contemporaneidade o termo violência no singular, pois ele comporta múltiplos significados.

Djamila Ribeiro (2017), em sua análise entrecortadas por reflexões sobre feminino negro, considera as mulheres negras como um grupo social e defende a importância de garantir voz às que foram historicamente silenciadas. Quando tiveram oportunidade de falar, muitas vezes não estavam em espaços onde suas vozes fossem realmente ouvidas. Esse cenário de silenciamento tem relação direta com os papéis da mulher na sociedade e os não espaços ocupados por mulheres negras. Pensando essas questões, bell hooks (2018), por seu turno, analisa o feminismo como uma prática política e social em busca da liberdade e justiça para todos os seres humanos independentemente do gênero ou classe social que eles estão inseridos. Para ela, todos deveriam se unir na luta contra a desigualdade e opressão que acontecem contra as mulheres em nossa sociedade. hooks ainda afirma que “A verdadeira educação sobre o feminismo deve ser um processo de aprendizado que envolve todos” (hooks, 2018, p.8). Portanto, o feminismo deve ser uma luta acessível e inclusiva que integre todos os cidadãos em busca de uma sociedade mais igualitário para todos.

A tese “Mulheres Inscritas Insubmissas: estudo sobre a representação feminina em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo” (2020), da pesquisadora Isabelle Carolinne Melo De Sousa, teve como foco discutir as relações entre o patriarcado e a escassez de representação femininas que fujam aos estereótipos cristalizados em nossa literatura, a partir da construção das personagens e sua importância como representação de mulheres em nossa sociedade. Esse estudo contribui com esta pesquisa porque traz o conto “Aramides Florença” e o duplo papel da personagem como mulher, esposa, mãe mostrando a condição da protagonista no casamento e a relação dela com o esposo. Além disso também discorre acerca do movimento feminista pela igualdade de direitos entre homens e mulheres igualmente tratado nesta pesquisa.

Outra pesquisa sobre essa temática é a dissertação de mestrado de Simone Teodoro Sobrinho com o tema “A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo” (2015). Essa pesquisa discute a violência de gênero no livro a partir da condição de submissão imposta às mulheres pelo patriarcado nos inícios da civilização ocidental e como isso é trágico. O texto identifica na obra de Conceição encenações trágicas em que vozes femininas

combatem a opressão. Essa dissertação contribuiu com esta pesquisa porque versa sobre os aspectos da violência de gênero diferenciando os limites entre a realidade e a ficção de maneira que mostra como acontece a violência física nos contos de “Aramides Florença” e de “Shirley Paixão”. Portanto, a dissertação também mostra a resiliência entre as protagonistas para enfrentar os desafios e como elas superaram esse desafio que também é um assunto pertinente nessa pesquisa.

A pesquisa “*Violência, trauma e empoderamento representados nas Insubmissas lágrimas de mulheres, obra ficcional de Conceição Evaristo*” (2018), de Renata Lourdes Linhares Severiano, discute sobre o conceito da violência física e simbólica entre homens e mulheres através da análise da subjetividade, memória e identidade fazendo uma crítica sobre o papel cultural da violência na literatura e na vida social. Essa tese contribui com essa pesquisa pois analisa os mesmos contos na perspectiva de memória e violência vivenciada pelas personagens negras e quais foram os traumas sofridos por essas mulheres. A interseccionalidade proposta por Evaristo nos ajuda a compreender como diferentes formas de opressão deixa as mulheres negras vulneráveis diante da violência sofrida. Segundo Evaristo “Ser mulher negra no Brasil é viver em um contexto de opressão múltipla, onde o racismo e o sexismo se entrelaçam” (Evaristo, 2006, p.32).

Neste trabalho, exploraremos as formas de resistência das mulheres diante da violência de gênero e como as personagens enfrentam essa realidade. Analisaremos a importância da sororidade e da resiliência entre elas na superação dos desafios e traumas causados por essa violência. A partir dessas reflexões, estabeleceu-se a seguinte questão de pesquisa: A narrativa de Conceição Evaristo em *Insubmissas lágrimas de mulheres* pode ser pensada como um instrumento interseccional de fortalecimento feminino de denúncia contra a violência de gênero sofrida por mulheres negras? A hipótese surgida baseia-se na presença de uma construção narrativa que valoriza a mulher negra e as suas identidades, na medida em que se apresenta como espaço de representação identitária feminina potente contra as várias violências de gênero.

A escolha desta obra como objeto de estudo justifica-se pela relevância dos acontecimentos de violência de gênero que permeiam a sociedade contemporânea, ocorrendo diariamente. O avanço dessa temática nas pesquisas acadêmicas pode contribuir significativamente para a compreensão e o combate à violência de gênero no Brasil. Segundo

a ONU, a cada dez minutos em 2023, um parceiro ou um familiar tirou a vida de uma mulher. A crise da violência de gênero é urgente. Quase uma em cada três mulheres sofre violência ao longo da vida. Uma entre quatro adolescentes sofre algum tipo de abuso por seus parceiros. Podemos ver o avanço das pesquisas acadêmicas sobre essa temática com a publicação de dissertações e teses com esse eixo temático.

Para Evaristo as mulheres usam seus corpos como forma de resistência contra a opressão. Em “*Insubmissas lágrimas de mulheres*” ela afirma que “Elas mesmas, a partir de seus corpos, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo” (Evaristo, 2011, p.81). Nessa obra, Conceição aborda a difícil experiência vivida pelas mulheres negras no Brasil, ressaltando a intersecção entre raça e gênero. A obra serve para reconhecer e combater as múltiplas formas de violências enfrentadas por essas mulheres. Para a literata, “as lágrimas dessas mulheres são insubmissas” (Evaristo, 2011, p.32), logo, essas lágrimas representam as lutas, dores, sofridas pelas mulheres negras em busca de reconhecimento, justiça e dignidade.

Desse modo, este trabalho se propõe a analisar as diversas formas de manifestação do patriarcado nas relações de gênero na contemporaneidade e como essa estrutura contribui para a perpetuação da violência de gênero contra as mulheres permitindo uma compreensão entre raça, classe, gênero e quais são as formas de resistência e transformação social que ocorre durante esse processo. Assim, analisar as representações da violência de gênero nos contos *Aramides Florença* e *Shirley Paixão* presentes na obra *insubmissas lágrimas de mulheres* de Conceição Evaristo, explorando as diferentes formas de violência vivenciadas pelas personagens femininas, os mecanismos de resistência e superação apresentados pela autora em relação a condição da mulher negra na sociedade contemporânea. Para galgar esse objetivo, é importante identificar os tipos de violência de gênero nos contos *Aramides Florença* e *Shirley Paixão* e comparar com a realidade social e histórica das mulheres negras no Brasil, analisar as estratégias de resistência e enfrentamento apresentadas por Aramides Florença e pela personagem Seni do conto *Shirley Paixão* e, por fim, discutir o papel do patriarcado na perpetuação da violência de gênero, considerando como as estruturas sociais e culturais descritas nos contos contribuem para a opressão das mulheres negras.

A construção deste texto foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica com análise de conteúdo da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, e de textos como artigos, monografias, dissertações e teses de críticos e de analistas literários, trabalhos acadêmicos

disponibilizados em formato impresso ou eletrônico. Por meio dessa metodologia, além de analisar os contos, o estudo também irá contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a violência de gênero e as possibilidades de resistência feminina. Os teóricos que fundamentaram a pesquisa é o pesquisador Eduardo de Assis Duarte com suas pesquisas sobre literatura afro-brasileira como “literatura e afrodescendência” (2005), e “literatura e identidade: a literatura afrobrasileira” (2007).

Foi usado também Constância Lima Duarte com sua pesquisa sobre as obras de Conceição Evaristo e a literatura feminina como “marcas da violência no corpo literário feminino” (2016), além de Djamila Ribeiro e seu livro “*o que é lugar de fala*” (2017), e também a autora Lélia Gonzalez com “*racismo e sexismo na cultura brasileira*” (1984) e “*A mulher negra: mito e realidade*” (1988), também a escritora bell hooks com sua obra “*o feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*” (2018), Bairros (1995) com sua obra “*Nossos feminismos revisitados*”, Sueli Carneiro com sua obra “*escritos de uma vida*” e Davis (2013) com sua obra “*mulheres, raça e classe*”, Saffioti com sua obra “*gênero patriarcado violência*”. O trabalho foi organizado em três capítulos, o primeiro capítulo discute como a violência de gênero está presente na obra e como as personagens enfrentam essa violência, o segundo capítulo mostra como as protagonistas usam a resistência para superar a violência de gênero. O terceiro capítulo apresenta como o patriarcado influencia e fortalece a violência de gênero, o racismo e o sexismo.

1 As representações de violências em *Aramides Florença* e *Shirley Paixão*

Neste capítulo, iremos analisar dois contos do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo – *Aramides Florença* e *Shirley Paixão* – marcados por experiências de violências e dor. As histórias vão além do sofrimento, abordando também como as personagens enfrentam e superam os vários tipos de violência cometidos contra elas, resultantes de uma sociedade patriarcal, racista e sexista. As marcas de violência racial que permeiam a nossa sociedade derivam de estruturas culturais originadas do racismo e do sexismo, afetando profundamente as mulheres negras e produzindo efeitos violentos sobre elas. O sexismo persiste no imaginário e nas práticas da sociedade brasileira. Lélia Gonzales (1983) analisa essa relação complexa do racismo e sexismo vivenciada pelas mulheres negras, denunciando a submissão e a sexualização a que são submetidas, numa relação marcada por amor e ódio.

Constância Duarte (2010), por sua vez, aborda a sua percepção de que até determinado momento da sua vida acadêmica não havia reconhecido a presença dessa literatura que retrata a violência contra a mulher nas obras de autoras afro-brasileiras. Ela enfatiza que só viu essa literatura quando conheceu os *Cadernos Negros*, uma publicação coletiva de um grupo de escritores afrodescendentes, de tiragem anual desde de 1978, textos de grande relevância para a literatura afro-brasileira que conta com a presença de poemas e contos de Conceição Evaristo, Lia Vieira, Geni Guimarães, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, entre outras. Elas ilustraram em suas publicações a violência familiar, doméstica e interseccionalidade entre gênero, classe e raça.

A referida autora destaca ainda a importância crucial da literatura afro-brasileira de autoria feminina para permitir a escuta às experiências de luta e dor vividas pelas mulheres negras. Ela analisa como essa literatura atua como um espaço de visibilidade e denúncia, revelando as violências de gênero, raça e classe que muitas vezes são silenciadas. Duarte também destaca que essa vertente, por meio das narrativas, é essencial para a construção de uma história mais justa e completa do Brasil, reconhecendo a contribuição fundamental das mulheres negras na formação da sociedade brasileira. E, a partir dela, essas mulheres constroem suas identidades e ressignificam suas histórias.

O primeiro conto é o de Aramides Florença. Nele observamos a violência sofrida pela personagem durante a gravidez, quando o pai de seu filho a machuca com uma lâmina de barbear e um cigarro. Após o parto, ela é estuprada brutalmente na frente do seu filho pelo mesmo homem. O segundo conto é o de Shirley Paixão. A personagem que dá nome ao conto descobre que seu marido violenta sexualmente a sua enteada, Seni. Shirley consegue salvar Seni do abusador, agredindo com uma barra de ferro. Cada conto da obra é intitulado com o nome de uma mulher negra, como uma forma de homenagear e dar voz a essas mulheres a partir de seus sofrimentos e superações.

Evaristo, por meio das personagens, consegue mostrar a realidade de muitas mulheres negras. Segundo a autora dos dois contos, a literatura afro-brasileira busca modos positivos para descrever o corpo negro, a palavra poética procura trazer outras lembranças, além das cicatrizes e marcas de dor e opressão de um corpo escravo.

Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarraram-se em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de

barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de uns dois lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama. (Evaristo, 2011 p. 13)

Para hooks (2018), a violência doméstica sofrida por Aramides é uma forma de opressão masculina, visando manter o controle e a dominação sobre as vítimas. hooks argumenta que essa violência não é um problema isolado, mas está intrinsecamente ligada ao sexismo e ao patriarcado cujo fim está diretamente subordinado ao sistema patriarcal. Este primeiro ato de agressão física que ocorre com Aramides marca o início de uma jornada violenta e dolorosa, refletindo a realidade enfrentada por várias mulheres em situações semelhantes, onde o amor se transforma rapidamente em opressão.

De acordo com hooks (2018), muitas pessoas se preocupam com a violência, mas se recusam a relacionar essa violência ao pensamento patriarcal ou à dominação masculina. Esse cenário apenas perpetua a desigualdade de gênero, criando um ambiente onde a violência contra mulheres é mais provável. Dessa maneira, a violência começa a partir de pequenos atos que tendem a dificultar a percepção da vítima que está sendo submetida a algum tipo de violência. Tal condição é evidenciada no trecho a seguir cuja cena aponta para a necessidade da vítima justificar os abusos, evitando rotulá-los como violência:

Pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço que dele receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-lá com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. (Evaristo, 2011, p.14)

A narradora revela a natureza manipuladora do agressor que se alterna entre atos de violência e demonstração de afeto. A vulnerabilidade da esposa grávida é explorada pelo marido, criando um ciclo de abuso físico e psicológico. Evaristo destaca a reação da mulher à violência sofrida e também mostra como o agressor consegue disfarçar suas ações, manipular a vítima e, mesmo após o nascimento do filho, continuar o ciclo de violência sem fim.

1.1 Aramides Florença

Djamila Ribeiro (2017) aborda a questão do corpo feminino negro como um espaço de resistência e luta contra a opressão. Ribeiro argumenta que este corpo não é apenas um objeto de desejo dos homens, mas como um território que carrega histórias de empoderamento e

resistência. A autora discute como o corpo negro na nossa sociedade é marcado por estigmas e preconceitos, destacando a importância de ouvir as vozes desses corpos. Ribeiro destaca a importância do reconhecimento das experiências vividas pelas mulheres negras que enfrentam a opressão racial e de gênero. A autora reforça que a teoria do ponto de vista feminista e o conceito de “lugar de fala” evidenciam as vozes lutadoras dessas mulheres, desafiando a normalização dos discursos hegemônicos. Assim, convida a sociedade a refletir sobre as intersecções entre raça e gênero, promovendo um diálogo que valorize as vozes e vivências dessas mulheres de forma integral:

Antes de chegarmos ao que se entende sobre o conceito de lugar de fala propriamente dito, é importante falarmos dos percursos intelectual e de luta de mulheres negras durante a história [...] para nos mostrar que, desde muito tempo, as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos (Ribeiro, 2017, p.21)

Quanto a isso, a autora apresenta vivências em que os confrontos começam nos ambientes sociais frequentados por mulheres, onde ela própria se insere antes de consolidar as narrativas ficcionais que formam suas obras. Assim, utilizando esses espaços, ela dá voz às experiências dela e de outras mulheres, trazendo reflexões para suas lutas e resistências na literatura. Na abertura de sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), Evaristo faz uma breve reflexão sobre a importância da fala e da escuta às outras pessoas e fazer dela sua voz. “Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta.” (Evaristo, 2011, p.8).

Segundo hooks (2018) a manipulação e o controle que permeiam a violência doméstica cria um ciclo de dependência e medo na vítima. Que não consegue, por vez, diferenciar a natureza violenta do relacionamento. Esse Ciclo de violências físicas, sexuais e psicológica é um traço histórico, na obra de Angela Davis (2013), a autora destaca que a questão da violência sexual contra mulheres negras é uma marca histórica da escravidão e da desumanização sofridas por elas há séculos. Para Davis, o capitalismo também é um grande influenciador na proliferação da violência sexual. Ela explica como homens, principalmente os brancos, historicamente se sentiam no direito de ter acesso aos corpos de mulheres negras para cometer violências sexuais. “ Uma vez que o traço histórico saliente do racismo foi sempre a assunção que os homens brancos – especialmente aqueles que tinham poder

econômico – possuíam um incontestável direito de aceder aos corpos das mulheres negras” (Davis, 2013, p. 127).

A autora defende que os homens com grande poder econômico e político atuam como agentes da exploração sexual, fato que se relaciona ao racismo e sexismo enfrentados pelas mulheres negras no seu dia a dia. Assim, “a proliferação da violência sexual é a face brutal da intensificação generalizada do sexismo que acompanha necessariamente estes assaltos econômicos” (Davis, 2013, p.143). As mulheres negras enfrentam uma forma singular de violência sexual exacerbada pelo racismo estrutural e pela exploração econômica. A autora enfatiza a necessidade de uma luta coletiva contra todas as formas de violência, para combater o racismo e as desigualdades econômicas que são as principais causas dessa violência.

Na narrativa de Evaristo, o último ato de violência sofrido por Aramides foi a violência sexual. Esse momento é narrado com um forte sentimento de dor, pois ocorreu durante o puerpério, enquanto amamentava o filho do casal. “Ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descobertos, no ato da amamentação de meu filho.” (Evaristo, 2011, p.16). Conceição revela a violência sexual como uma experiência intrínseca à vida da mulher, que pode ocorrer em qualquer momento e contexto. A autora evidencia que a crueldade dessa violência é ainda pior quando perpetuada por alguém próximo, alguém em quem a mulher confia e com quem construiu laços afetivos e íntimos. A dor é o resultado da violação física e emocional que o agressor causa na vítima.

1.2 Shirley Paixão

O segundo conto analisado é *Shirley Paixão*. ele discorre sobre a violência sexual e doméstica intrafamiliar praticada contra uma pré-adolescente pelo próprio pai. A história de Seni choca pela brutalidade contra o corpo feminino ao mesmo tempo em que fere o vínculo entre pai e filha dentro de casa. A narrativa explora a força feminina e os laços afetivos em meio à atrocidade da prática incestuosa cometida pelo genitor.

Luiza Bairros (1995) discute a interseção entre feminismo e a violência sexual sofrida por meninas iguais à protagonista do conto. Ela enfatiza a necessidade de uma perspectiva inclusiva que considere as experiências diversas das mulheres, especialmente aquelas que pertencem a grupos marginalizados, como as mulheres negras. Bairros argumenta que a

violência sexual não é apenas um problema individual, mas sim um reflexo das estruturas de poder e opressão que permeiam a sociedade. Para ela, é fundamental que o movimento feminismo reconheça e enfrente a violência sexual como uma questão não apenas de gênero, mas também de raça e classe. Bairos destaca que a violência sexual é marcada pelo racismo e pela exploração do corpo negro.

A referida autora também defende a importância da solidariedade entre as diferentes correntes do feminismo e a necessidade de construir um feminismo que seja representativo e inclusivo para todas as mulheres. Isso implica não apenas reconhecer as vozes das mulheres afetadas pela violência sexual, mas também mobilizar esforços coletivos para combater essa violência em todas as suas formas. Ela defende que as comunidades devem se unir para criar redes de apoio para as mulheres que sofrem todas as formas de violência e trabalhar ativamente para mudar as políticas sociais que perpetuam a violência.

Nesse sentido, a construção da personagem Shirley aponta para alguém que defende suas enteadas, que ela considerava como suas filhas, da violência sexual cometida pelo pai das meninas contra Seni. A narradora descreve como Shirley não percebia que o seu ex-marido violentava Seni, ela só prestava atenção na forma como ele tratava a filha com palavras de deboche, sendo cruel com a jovem. “Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche, apesar da minha insistência em apontar o modo cruel com que ele tratava a filha” (Evaristo, 2011, p. 30). Mesmo o pai tratando ela dessa maneira, Conceição enfatiza que Seni permanecia em silêncio, expressando o retrato das vítimas de estupro que mesmo sofrendo permanecem em silêncio.

A cultura do estupro é uma realidade vivida na prática e enraizada na história. As mulheres negras têm sido alvo de abusos sexuais desde de muitos séculos e permanecem até os dias atuais. bell hooks (2018) reflete que a utilização do corpo negro já vem da escravidão e eram usados como incubadoras para a criação de uma nova geração de escravos, ainda para justificar a exploração masculina branca e o estupro das mulheres negras durante a escravidão produziram uma iconografia de corpos negros para simbolizar como seres exóticos e dotados de sexualidade.

É dessa maneira cruel que muitas meninas e mulheres negras sofrem com o estupro e abuso sexual. Conceição, na sua narrativa, indica que Seni sofria nas mãos do pai, e mesmo com pouca idade tentava proteger suas irmãs, temendo que elas sofressem os mesmos abusos.

Ela, como uma irmã zelosa e consciente da gravidade da situação, queria evitar que as irmãs passassem pelo mesmo sofrimento, a crueldade do pai, e a vulnerabilidade das meninas tornam a situação ainda mais dolorosa:

Entretanto, ali pelos seus doze anos, já era uma mocinha feita. Zelosa com ela mesma e, mais ainda, com as suas irmãs. Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim. (Evaristo, 2011, p.29)

Nesse contexto, Seni assume o papel de uma irmã protetora, mesmo sendo uma criança cheia de traumas. Sua casa que deveria ser um lar seguro, na verdade não oferece proteção. Essa realidade a leva a silenciar sua voz e a ter a responsabilidade de proteger suas irmãs de possíveis abusos dentro do próprio ambiente familiar. Conceição evidencia na narrativa a importância da necessidade de haver um espaço onde as vozes das vítimas possam ser ouvidas e validadas. Assim como Bairros (1995) defende que devemos ouvir e valorizar as vozes das vítimas, especialmente aquelas que muitas vezes são silenciadas nas narrativas hegemônicas.

Em um dos momentos da narrativa, A professora de Seni chama Shirley para conversar sobre o comportamento exemplar da menina. A professora questiona se o pai ou a madrasta são muito rigorosos com Seni, pois ela demonstra mania de perfeição excessiva. Shirley e a professora combinam em procurar um acompanhamento psicológico para a menina. Ao voltar para casa, Shirley conversa com o seu marido sobre a conversa que teve com a professora de Seni e ele fica furioso deixando a menina com medo:

Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Seni entrou em pânico. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investiu contra ela porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim. A sensação que tive foi como se ela tivesse regredido no tempo. (Evaristo, 2011, p. 30)

Esse medo que Seni sente pelo pai é uma reação aos traumas dos abusos sexuais sofridos. Saffioti explica que nas camadas social e economicamente desfavorecidas, o processo do incesto é rápido e brutal:

O pai coloca um revólver, na mais fina das hipóteses, ou uma faca de cozinha junto à cama ou sobre ela, joga a menina sobre o leito, rasga-lhes as roupas e estupra, ameaçando-a de morte, se gritar, ou ameaçando matar toda a família, se abrir a boca para contar o sucedido a alguém. (Saffioti, 2015, p.22)

Com isso, a menina pobre não tem a quem pedir socorro contra as ameaças e a presença da arma branca. Ela não tem escapatória. Tanto a criança quanto a adolescente não têm forças para lutar contra um homem adulto.

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava tão furioso – afirma Shirley, chorando – que Seni, para a sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos. (Evaristo, 2011, p.31)

A narradora conta que quando Shirley e as meninas presenciaram a cena mais devastadora de suas vidas, o homem em quem as filhas menores e Shirley depositavam confiança estava ali violentando a própria filha. O homem disfarçado de cuidador, era na verdade um monstro. Saffioti (2015) afirma que um pai, que deveria ser figura de segurança e apoio, pode se tornar perpetuador de violência sexual e abusos, principalmente em contextos sociais que minimizam a violência contra crianças e mulheres e silenciam as vozes das vítimas.

Conceição (2011, p. 32) descreve que diante da cena Shirley pegou uma pequena barra de ferro e jogou na cabeça do pai de Seni “ Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto”. Nesse momento a narradora destaca que Shirley queria dar a segunda pancada, porém as suas vizinhas impediram. Mesmo com a pancada, o homem não morreu e acabou sendo preso. Shirley também acabou sendo presa por ter feito isso com ele para salvar Seni dos abusos do pai.

Em sua narrativa, Evaristo reflete sobre situações reais de violência, com a intenção de abordar questões importantes para a nossa sociedade, como a violência doméstica, de gênero, sexual e intrafamiliar. Expondo aos leitores à gravidade e à monstruosidade dessas violências de forma crítica, com o intuito de chamar a atenção da sociedade para o problema em questão. A partir dos contos, Conceição mostra as violências sofridas pelas mulheres negras, dando espaço de voz às personagens e, através delas, as de muitas mulheres que passam por essas situações em seu cotidiano.

2. As estratégias de resistência e enfrentamento para superar a violência de gênero:

Neste capítulo, serão abordadas as estratégias de resistência das personagens *Aramides Florença* e *Seni* do conto *Shirley Paixão* em *insubmissas lágrimas de mulheres*. Elas, mesmo com seus corpos marcados por experiências dolorosas de opressão, têm seus corpos como espaços de resistência. Apesar das práticas diárias de violência enfrentadas, Florença e Seni conseguiram transformar as cicatrizes em força e resistência. No primeiro conto, Emildes, filho de Aramides, é um dos motivos que a fez resistir aos vários tipos de violência e conseguir criar ele de forma cuidadosa, sem deixar que ninguém lhe fizesse mal. No segundo conto, Seni busca suplantar suas dores cuidando das suas irmãs mais novas e estudando, quando se tornou adulta estudou para se tornar uma médica com especialização em pediatria.

2.1 Aramides Florença

Ribeiro (2017) mostra as diferentes trajetórias e estratégias de resistência que as mulheres negras enfrentam. Portanto, ela defende um feminismo que coloque em evidência o legado de luta dessas mulheres contra o racismo e sexismo. “Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências” (Ribeiro, 2017, p.28). A autora, argumenta que essa resistência vai além de uma resposta à violência, ela serve para que as mulheres se unam, compartilhem suas experiências e histórias, e utilizem sua força coletiva para combater as normas sociais que perpetuam a opressão.

Saffioti (2015) afirma que as mulheres usam estratégias de resistência e de luta, e a luta de classe como formas para se proteger da violência de gênero e do patriarcado. Ela enfatiza que as mulheres, ao longo da história, desenvolveram formas de resistência individuais e coletivas para confrontar as estruturas patriarcais que perpetuam a violência. Para Saffioti, essa resistência inclui a luta por direitos sociais, econômicos e políticos, sobretudo por o patriarcado ser um acordo pactual entre homens do qual, por vezes, as mulheres não apresentam resistência. “Assim, como já se patentou, sempre que há relação de dominação – exploração, há resistência, há luta, há conflitos, que se expressam pela vingança, pela sabotagem, pelo boicote ou pela luta de classes.” (Saffioti, 2015, p. 130).

Diante disso, podemos ver que as formas de resistência para as mulheres é uma importante arma contra o patriarcado e a resistência é também importante para existir uma mobilização social transforma as relações de poder, promovendo uma sociedade mais justa e

igualitária para as mulheres negras que sofrem diariamente com a dominação e exploração. Por fim, a autora conclui que é necessário criar espaços de resistência, onde as mulheres possam se unir para reivindicar seus direitos e promover uma cultura de respeito e igualdade. A autora destaca a importância da união feminina para desafiar a violência e as estruturas sociais opressoras. Assim, as lutas dessas mulheres, para o fim da opressão são fortalecidas com as estratégias de resistência que elas construíram ao longo dos séculos. Davis (2013) afirma que as mulheres que lutaram contra a escravidão deixaram um legado de resistência e auto resiliência de igualdade sexual e de uma nova natureza feminina para as mulheres:

Essas mulheres que trabalharam duramente debaixo do chicote dos seus donos, trabalharam, protegeram as suas famílias, lutaram contra a escravidão, e foram batidas e violadas, mas nunca dominadas. Foram essas mulheres que passaram para as suas descendentes nominalmente livres um legado de trabalho pesado, perseverança e auto resiliência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – resumindo, um legado que fala das bases de uma nova natureza feminina. (Davis, 2013, p. 29)

Como podemos ver na citação acima, a autora está afirmando que essas mulheres tiveram que criar formas de resistência e auto resiliência, e insistiram para haver igualdade sexual entre homens e mulheres. Esse legado foi construído devido as violências que elas sofreram durante o período da escravidão onde elas foram batidas e violadas, porém nunca dominadas. Esse legado contribuiu para novas formas de resistência e de igualdade que existiu nos dias atuais. Davis também afirma que apesar das lutas das mulheres negras desde a escravidão, essas mulheres criaram um legado de resiliência e resistência. “Foram essas mulheres que passaram para suas descendentes um legado de perseverança [...] e auto resiliência, de tenacidade, resistência e insistência que fala das bases de uma nova natureza feminina” (Davis, 2013, p. 29). Esse legado se baseia nas vivências e batalhas das mulheres negras, que lidam com conflitos raciais e injustiças sociais marcadas pelo passado histórico violento e de crises socioeconômicas pelo direito de existir.

Para Davis, o papel do feminismo negro é romper com uma sociedade desigual, e pensar em novos projetos para um novo modelo de sociedade. Outro fator é divulgar a produção intelectual de mulheres negras que vêm fazendo resistência a partir das suas histórias. A autora afirma também que essa luta por resistência continua mesmo com o fim da escravidão. “Os anos 90 de 1800 foram os mais difíceis para o povo negro desde a abolição da escravidão, e as mulheres naturalmente sentiram-se obrigadas a juntarem-se à luta de resistência do seu povo.” (Davis, 2013, p. 96) Portanto, apesar do fim da escravidão, as

mulheres negras continuaram sofrendo e passando por dificuldades que as forçaram a seguir lutando pela resistência e sobrevivência. Por isso que as mulheres negras não podem desistir de lutar contra o racismo e pela opressão de classe.

Duarte (2010) afirma que a resistência junto com a submissão sempre fizeram parte da vida das mulheres, para a autora essa resistência vêm dos fatos que acontecem no nosso cotidiano como as notícias ruins que surgem na mídia envolvendo a violência contra as mulheres em forma de espancamento, assassinatos, abortos clandestinos, jovens vivendo em cárcere de privado sendo presas por homens, logo essas notícias são esquecidas pois a força do patriarcalismo tudo supera:

Na verdade, submissão e resistência sempre fizeram parte da vida das mulheres, mesmo agora, quando o cotidiano é invadido por notícias de espancamentos, assassinatos, abortos clandestinos, jovens vivendo décadas enterradas em porões, à mercê da sanha animal de um homem. Por alguns dias, notícias assim provocam espanto entre os leitores. Mas logo são esquecidas até que surjam novas elizabeths, marias, não importa que nome tenham. (Duarte, 2010, p.1)

Como visto na citação acima, os atos persistentes de violência ao longo da história e da contemporaneidade faz com o que as mulheres sejam símbolos de resistência. Todos os dias “Elizabeths” e “ Marias”, nomes fictícios, sofrem algum tipo de violência e são noticiados na mídia. Porém, esses casos são esquecidos muito rápidos com o surgimento de novos. É necessário reconhecer a persistência do problema independente de nomes ou casos específicos, pois para Duarte os casos da realidade são bem piores do que os das personagens da ficção.

Na ficção, a escrita de Evaristo se caracteriza pelo realismo e sensibilidade, buscando romper com séculos de silenciamento e ausência de um passado marcado pela escravidão. Portanto, suas obras são como fonte de pesquisa que estabelece um diálogo com a realidade. No conto *Aramides Florença*, a protagonista é uma mulher negra que desafia os paradigmas de resistência que cercam as mulheres negras na literatura e na sociedade, onde frequentemente são vistas apenas como donas de casa. Aramides demonstra resistência as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras no mercado de trabalho, sendo ela uma chefe de departamento em uma empresa com um grande potencial de sucesso. “Ela, chefe do departamento pessoal de uma promissora empresa” (Evaristo, 2011, p.11).

Além da personagem Aramides quebrar paradigmas em relação à mulher preta no mercado de trabalho, Evaristo também discute, a partir da personagem, a imagem de mãe que foi negada à mulher negra na literatura brasileira. Em Evaristo (2009), já se falava que essa negação da mulher negra como mãe na literatura geraria um apagamento do papel da mulher negra na formação cultural nacional. Aramides se torna mãe do pequeno Emildes e, mesmo com as marcas das violências deixadas pelo pai do seu filho, ela segue em frente cuidando sozinha dele e lhe dando amor e carinho. Evaristo descreve como era a relação da mãe com o menino:

Ele começa a balbuciar algo que parecia uma cantiga. Aramides me olhou, dizendo, feliz, que o seu filho pronunciava sempre os mesmos sons, desde que o pai dele havia partido, há quase um ano, quando o bebê tinha somente alguns dias de vida. (Evaristo, 2011, p. 9)

Aramides encontra alegria e força nas pequenas conquistas de Emildes, como balbuciar sons. Os momentos dela junto com ele se tornam um símbolo de esperança de dias melhores, os dois seguem encontrando felicidade mesmo depois de tantos momentos difíceis que ela e o pequeno passaram. O balbuciar de Emildes se torna uma forma de expressão que não apenas reflete o desenvolvimento da criança, mais também serve para Florença ver que a vida continua e existe beleza nas pequenas coisas. Aramides transforma sua dor em amor e cuidado com seu filho. Com isso, Evaristo mostra que as mulheres negras são símbolos de resistência e capazes de superar as dores e adversidades.

2.2 Shirley paixão

As mulheres negras têm um passado de resistência. hooks (2018) diz que as mulheres brancas eram maioria nos grupos feministas geralmente elas tinham um alto nível de estudo e ocupavam uma posição mais visível dentro do movimento, em contra partida as mulheres negras eram minoria nos movimentos feministas, embora fossem minoria dentro do movimento, a experiência delas trazia uma voz poderosa para o movimento. Elas compreendiam de forma mais profunda do que suas colegas brancas privilegiadas de classe sobre qualquer raça, mesmo sendo em número significativamente menor, e eram resistentes à dominação de raça, classe e gênero, “[...]mas a voz da experiência era a delas. Elas conheciam melhor do que suas companheiras com privilégio de classe, de qualquer raça, os custos da resistência à dominação de raça, classe e gênero.” (hooks, 2018, p. 53).

As experiências de vida dessas mulheres proporcionaram uma compreensão maior sobre as estruturas de poder que as oprimiam. Esse conhecimento e resistência demonstram a capacidade e força de lutar mesmo diante das adversidades enfrentadas por elas. Portanto, é importante conhecer a participação das mulheres negras no movimento feminista e reconhecer as suas vozes nas lutas feministas. A autora destaca também que as mulheres negras têm um papel central na realização da teoria feminista e uma contribuição única e valiosa para oferecer. Para ela, o feminismo negro é importante para o debate político e não serve apenas para falar sobre as próprias mulheres negras, serve para construir e se pensar um modelo de sociedade que queremos. O feminismo negro debate como as formas de opressões acontecem e como são geradas novas formas de opressão. “Porque o feminismo é um movimento para acabar com sexismo, dominação e opressão sexistas, é uma luta que inclui esforços para acabar com a discriminação de gênero e para criar igualdade, é um movimento fundamentalmente radical.” (hooks, 2018, p. 120)

Carneiro (2019) destaca que a resistência das mulheres negras advém dos tipos de opressão sofridos por essas mulheres, uma experiência histórica marcada pelo poder do homem branco opressor. Para ela, a busca pela inserção das questões das mulheres negras no feminismo surgiu pela perspectiva patriarcal e não considera ou não abrange as diversas formas de opressão que afeta as condições das mulheres negras no Brasil. Carneiro chama a atenção para a necessidade de um feminismo interseccional e negro, pois as condições de vida desse grupo na nossa sociedade racista, sexista, impacta nas possibilidades e expectativas desse grupo. Assim, “As mulheres negras advém de uma experiência histórica diferenciada.” (Carneiro, 2019, p. 50), marcada pela opressão e diferentes estratégias de resistência e sobrevivência.

Ribeiro (2017) explica que a pensadora conhecida como Truth ainda no século XIX evidencia que o dilema do feminismo viria enfrentar a universalização da categoria mulher. Para Truth, as várias possibilidades de ser mulher para o feminismo abdicam da estrutura universal ao se falar de mulheres e levar em conta as outras intersecções como raça, orientação sexual, gênero, foi atribuído a terceira onda feminista. Porém, o que se percebe por Truth é que as histórias de resistência e produções de mulheres negras já existia desde de antes da escravatura e era um debate que já vinha sendo feito entretanto existe uma falta de visibilidade.

O que percebemos com o discurso de Truth e com as histórias de resistências e produções de mulheres negras desde antes o período escravocrata e, conseqüentemente, com a produção e atuação de feministas negras é que esse debate já vinha sendo feito; o problema, então, seria a sua falta de visibilidade. Essa discussão já vem sendo feita desde a primeira onda, como nos mostra Truth. (Ribeiro, 2017, p. 14)

A partir da citação acima podemos ver que as mulheres negras contribuíram para a produção de histórias de resistência desde de antes do período escravocrata, porém as suas produções não tiveram tanta visibilidade. A discussão para existir um feminismo mais incluso para as mulheres negras vem desde da primeira onda feminista. Onde já se discutia sobre a importância da escrita de resistência das mulheres negras serem mais valorizadas. A partir desse pressuposto de dominação que as mulheres negras sofreram historicamente elas caminham por um processo longo de luta e resistência, pela sua libertação contra a exploração, opressão e discriminações raciais. Por isso, a literatura afro-brasileira para Evaristo (2009), usa a palavra poética para ressignificar as cicatrizes e marcas deixadas pelos chicotes no corpo negro.

Nesse sentido, Evaristo constrói resistência na sua poesia revisitando o nosso passado histórico de opressão e denunciando o presente, ainda marcado por injustiças e desigualdades sociais, com uma perspectiva de construir um futuro melhor a partir das lutas por transformação social. Evaristo utiliza sua escrita para dar voz a essas experiências do presente que são silenciadas por nossa sociedade, a fim de reconhecer o valor e a força dessas mulheres. Portanto, Evaristo mostra que assim como os movimentos feministas que as mulheres negras estão inseridas, a literatura afro-brasileira também deve tratar de temáticas como a violência de gênero, classe, raça, pois é urgente a necessidade da sociedade trabalhar com políticas públicas que combata esses tipos de violência.

No conto *Shirley Paixão* a personagem Seni ao dar um grito quando está sendo estuprada pelo seu pai quebrando o silenciamento. Esse ato de Seni de gritar também é um sinal de resistência que vêm da escravidão e de toda a história das mulheres negras que não se calaram perante as violências e abusos sofridos durante sua vida, “Seni, Para sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos” (Evaristo, 2011, p.31).

Como vimos na citação acima, Seni ao gritar luta pela sua sobrevivência, e impõem-se contra o incesto, às estruturas patriarcais, às violências sofridas. Com isso, Evaristo quebra mais um paradigma da literatura mostrando a personagem reagindo aos abusos sofridos na

infância pelo seu pai, e que as marcas da insubmissão através da resistência conseguem superar o seu passado traumático e cheio de sequelas. Mesmo Seni sofrendo essa violência ela cresce e vira uma adulta e continua cuidando e zelando de suas irmãs para não acontecer nada de ruim com elas:

Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que despontam. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (Evaristo, 2011, p. 34).

Mesmo Evaristo mostrando os diversos tipos de violências sofridas pelas protagonistas na narrativa, ela também trata de formas de resistência e empoderamento feminino, contando histórias de superação mesmo depois dos casos traumáticos durante uma longa etapa da vida das personagens. Com isso, a autora mostra através da ficção e das suas histórias a representação de mulheres negras, filhas, mães, esposas, que na vida real também sofre vários tipos de violência e consegue superar através da resistência. Assim, Conceição, através da literatura, traz para a cena principal mulheres negras que muitas vezes são silenciadas pela realidade racista, sexista e patriarcal que elas vivenciam.

3. O patriarcado como influência na violência de gênero:

Neste capítulo serão abordadas a influência do patriarcalismo na violência contra as mulheres negras, e como o patriarcado está presente nos contos *Aramides Florença* e *Shirley Paixão*, pois o sistema patriarcal contribui para o ciclo de violência promovendo normas culturais que normalizam e até justificam a violência contra as mulheres. A ideia da sociedade de que os homens devem ser dominantes pode levar à aceitação do uso da força física para manter o controle sobre as mulheres. Com isso, vamos discutir as ideias de Ribeiro (2017), hooks (2018) e Saffioti (2015) sobre a influência do patriarcado na opressão contra as mulheres negras, e como Evaristo (2011) trata sobre ele na sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* a partir das experiências das personagens Aramides e Seni.

Ribeiro (2017) discute a ideia de Lélia Gonzales onde mostra quais são os papéis que sobram para as mulheres negras, em áreas como os serviços domésticos ou trabalho em lavouras, e sua invisibilidade em cozinhas, são tratados como naturais e normais. Isso é resultado do racismo, sexismo e patriarcalismo que a inferioriza e coloca em uma tripla

opressão: pelo racismo estrutural que permeia a sociedade, pelo sexismo, e pelo patriarcado. Esse não é um fenômeno isolado, pois se manifesta em um contexto amplo de injustiças sociais. A autora também aponta a falácia da democracia racial no carnaval, onde nesse período as mulheres se tornam rainhas, mas no dia seguinte são alvos do desemprego, violência policial e falta de acesso a saúde e educação. “A feminista negra reconhecia a importância do feminismo como teoria e prática no combate às desigualdades no enfrentamento ao capitalismo patriarcal” (Ribeiro, 2017, p. 17).

Já Saffioti (2015) analisa o patriarcado discutindo sobre as lutas feministas. Para a autora, as feministas revelam as bases sociais do patriarcado, debatendo os serviços gratuitos que as mulheres prestavam aos homens como trabalhos domésticos e sexuais. Esses trabalhos eram prestados tanto aos patrões de seus companheiros quanto aos seus próprios companheiros. Para Saffioti, muito se escreveu sobre os privilégios dos homens e as discriminações que eles praticam contra as mulheres. Ela destaca que o patriarcado serve de interesses de grupos e classes dominantes. A autora argumenta que a violência é construída nas relações entre homens e mulheres, e que se origina da ordem patriarcal:

Não se trata de defender a tese de que os estudos sobre mulher(es) devam ceder espaço, inteiramente, aos estudos de gênero. Há ainda muita necessidade dos primeiros, na medida em que a atuação das mulheres sempre foi pouquíssimo registrada e que, por via de consequência, a maior parte de sua história está por ser estudada [...] E é absolutamente imprescindível que esta trajetória seja descrita para que haja empoderamento, não de mulheres, mas da categoria social por elas constituída [...] (Saffioti, 2015, p. 110)

Portanto, a autora discute na citação a falta de registros históricos sobre as mulheres reflete a forma como a nossa sociedade patriarcal silencia e marginaliza as contribuições femininas. Saffioti argumenta sobre o estudo da trajetória das mulheres não ser apenas sobre elas, mais também sobre a categoria social onde elas estão inseridas e critica a forma como a sociedade está estruturada colocando as mulheres em segundo lugar, é necessário estudar sobre as experiências das mulheres para promover o empoderamento feminino. Destaca ainda que o próprio gênero é o fator determinante de como o patriarcado está enraizado na nossa sociedade, para a autora a violência doméstica apresenta características específicas e acontece de forma rotineira.

Saffioti considera essa relação violenta uma verdadeira prisão. “ Nesse sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o

macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “ destino” assim o determina” (Saffioti, 2015, p.90). Nesse caso, a autora conclui que o gênero está determinando quem deve apanhar e quem deve bater, que a violência é um poder masculino contra o feminino. Portanto, a violência de gênero não ocorre de forma aleatória, mais sim de uma organização social que privilegia o gênero masculino. Com isso, o patriarcado está enraizado na cultura e no cotidiano dos homens na esfera política, familiar, trabalhista, midiática e o homem sempre sendo o dominador das relações humanas e construindo um sistema de relações sociais desiguais privilegiando os homens e subordinando as mulheres. Por isso, o patriarcado cria um ambiente onde a violência de gênero é normalizada e frequentemente justificada.

A luta contra a dominação masculina para hooks começou desde cedo, ela afirma que quando era adolescente já lutava contra o patriarcado e era a favor do pensamento feminista. Já no início da sua luta sua mãe era a favor do patriarcado e quando hooks se ergueu em busca de justiça e igualdade sua mãe mudou a opinião sobre o pensamento feminista:

No início de minha resistência à dominação masculina, de minha rebeldia contra o pensamento patriarcal (e de minha oposição à mais forte voz patriarcal em minha vida: a voz de minha mãe), eu ainda era adolescente, suicida, deprimida, sem saber como encontraria um significado para minha vida e um lugar para mim. Precisei que o feminismo me desse uma base de igualdade e justiça em que pudesse me erguer. Mamãe mudou de opinião sobre o pensamento feminista. (hooks, 2018, p.14)

hooks discute que historicamente homens como um grupo se utilizam do patriarcado para se sentirem superiores as mulheres e como uma forma de controlar as mulheres, e para isso eles exploram e oprimem e se necessário se utilizam da violência para manter o patriarcado intacto. A autora diz que o feminismo foi importante para as mulheres aprenderem sobre o patriarcado como um sistema de dominação, e para as mulheres compreenderem a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram praticados no dia a dia.

hooks afirma que o feminismo mostrou como as mulheres são vítimas da exploração e em alguns cenários oprimidas. No início do movimento algumas mulheres usavam os grupos feministas como espaços para desabafar e algumas utilizava aquele espaço como terapia para falar abertamente sobre suas dores e feridas. Elas se uniam com outras mulheres para lutar pelo fim do sexismo e das relações baseadas em gênero, as mulheres negras devem enfrentar

essa questão pois o patriarcado tem bases ideológicas que permitem o racismo e coloca essas mulheres como seres inferiores.

A autora também discute que a violência doméstica está representada na grande mídia de massa e existem grandes discussões sobre essa violência, porém as pessoas não conectam essa violência ao fim da dominação masculina e ao desaparecimento do patriarcado. As pessoas veem na internet os casos de violência masculina como assassinatos violentos contra as mulheres e se perguntam o fator dessa violência sem imaginar que um dos fatores determinantes é o patriarcado e a dominação masculina. Para além disso, hooks discute também a relação entre o abuso sexual que acontece com muitas crianças e adolescentes e o patriarcado. Para ela, esse abuso sexual que os homens cometem contra esse público está ligado à dominação masculina:

Apenas por chamar atenção para o abuso sexual masculino de crianças, não criou um cenário em que multidões de pessoas pudessem compreender que esse abuso está ligado à dominação masculina, que isso só acabará quando o patriarcado for eliminado. (hooks, 2018, p. 86)

Portanto, como vimos na citação acima, a autora destaca a ligação entre a violência sexual masculina contra crianças e a dominação patriarcal. Ela aponta que simplesmente chamar a atenção para o abuso não é suficiente para solucionar o problema, na verdade, é preciso reconhecer a raiz desse problema no patriarcado. Para a autora somente com o fim do patriarcado que esse tipo de abuso será eliminado. O movimento feminista, por seu turno, oferece relatos de como é perigoso perpetuar o sexismo e a dominação masculina e como as mídias de massa patriarcal e os líderes sexistas falam que o feminismo está morto e não faz mais sentido, mesmo que mulheres continuem lutando pela igualdade de gênero.

Repetidas vezes, a mídia de massa patriarcal e os líderes sexistas nos dizem que o feminismo está morto, que já não faz sentido. Na realidade, mulheres e homens de todas as idades, em todos os lugares, continuam a lutar com a questão da igualdade de gênero, continuam a procurar papéis para eles mesmos que os libertará em vez de restringi-los ou confiná-los; e continuam a se voltar para o feminismo em busca de respostas. (hooks, 2018, p.123)

hooks na citação acima enfatiza que o movimento feminista continua vivo mesmo diante de tentativas de deslegitimação por parte da mídia de massa patriarcal e grupos influentes do patriarcado. Ela destaca, que a luta pela igualdade de gênero não é apenas uma fase passageira e sim uma luta continua que envolve todos. Apesar dos desafios e retrocessos,

o desejo por igualdade e justiça social persiste entre as pessoas. Além disso, o feminismo permite que as mulheres entendam sobre suas identidades e qual é o seu papel na sociedade.

Conceição Evaristo evidencia a violência contra mulher ao tempo em que o patriarcado é o centro do problema. Por isso, Evaristo transforma essas opressões que acontecem no dia a dia das mulheres negras em uma literatura afro-brasileira que dá voz às personagens femininas mostrando a violência de gênero, a desigualdade econômica, a opressão racial e as condições das mulheres em seus contos. Portanto, a escrita de Conceição na literatura negra transmite ao leitor suas ideias de luta, e igualdade que transforma sua escrita em um ato de resistência contra o sistema patriarcal e racista.

Em suas produções, Conceição constrói uma perspectiva que se fortalece no protagonismo feminino, pois é do seu ponto de vista que as histórias são contadas. Se, geralmente, nos textos assinados por mulheres costuma predominar a busca de identidade nas personagens, Evaristo trabalha incessantemente questões relacionadas ao “ser mulher” e ao “estar no mundo”, fortalecendo o sentimento de irmandade entre elas, com a peculiaridade de deixar marcado o seu lugar de fala enquanto negra, feminista, oriunda das classes populares. (Duarte, 2020, p. 136)

Diante do exposto, compreende-se que a literatura escrita por Evaristo constrói esse protagonismo feminino e que ela explora as experiências das mulheres negras enfatizando a importância de existir irmandade entre as mulheres. Evaristo visibiliza as experiências dessas mulheres dando a elas um lugar de fala para lutar contra o racismo, o machismo e os privilégios de classes. Ela escreve sobre uma realidade muitas vezes silenciadas, com isso, suas obras conta experiências individuais e coletivas que os grupos de mulheres negras passam diariamente.

Nos contos escritos por Evaristo e apresentados nesse trabalho a personagem Aramides é violentada e oprimida dentro de casa. Os ciúmes que o agressor sentia do próprio filho se origina das raízes do patriarcado onde o homem só quer a esposa só para ele. “Passadas as duas semanas, uma noite, já deitados, o homem olhando para o filho no berço perguntou a Aramides quando ela novamente seria dele, só dele” (Evaristo, 2011, p.16). E essa situação acontece devido a dominação masculina que está perpetuada nas sociedades patriarcal, mesmo com todas as lutas feministas que foram apresentadas aqui pela teoria de hooks (2018) para as mudanças sociais. Saffioti (2015) discute que o patriarcado determina que o homem deve agredir a mulher, porque existe a dominação masculina. Segundo o patriarcado, a mulher deve suportar as agressões. Já hooks (2018) fala sobre o abuso sexual contra as crianças só acabar

quando o patriarcado for eliminado da sociedade, se o fim do patriarcado não acontecer as crianças e as mulheres irão continuar sofrendo vários tipos de abusos que serão retratados na ficção por Evaristo e outras escritoras afro-brasileiras.

Como foi exposto no primeiro capítulo deste trabalho, e em várias partes dos contos de Aramides e Seni, elas sofreram com atos de violência dentro de casa, e reagiram a essa dor e conseguiram superar esse sofrimento. Aramides sofreu agressão com um aparelho de barbear. “ Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para erguer, gritou de dor “ (Evaristo, 2011, p. 13). E também foi agredida com o cigarro “Abraça-la com o cigarro acesso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro acesso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides” (Evaristo, 2011, p.14). Foi violentada também sexualmente “tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou” (Evaristo, 2011, p. 17).

Já Seni foi violentada diversas vezes desde do falecimento da sua mãe “E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio menina, violentada diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera” (Evaristo, 2011, p. 32). Essa violência ocorre para os agressores continuar mantendo o seu poder de dominação, e esse poder vêm do patriarcado. Na realidade muitas vezes as vítimas não conseguem se livrar do agressor por muitas vezes o agressor fazer pressão psicológicas na vítima ou elas dependerem do seu agressor financeiramente. Nos contos apresentados nesse trabalho a narrativa de dor das mulheres oprimidas, e o sofrimento é provocado pelo patriarcado, pois a violência contra as mulheres do conto é a repetição das estruturas patriarcais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo, mais especificamente os contos aqui apresentados, trata sobre a violência contra as mulheres seja ela contra pré-adolescentes ou mulheres já adultas. Através das protagonistas dos contos a autora dá voz as mulheres que sofrem dessa violência na vida real. Conceição mostra a necessidade de a sociedade brasileira falar sobre a violência de gênero. As protagonistas dos contos demonstram que são resistentes a esse tipo de violência, elas criam forças para mudar a sua realidade e mesmo com os traumas conseguem superar as violências. Para fazer a análise dos contos foi feito uma breve apresentação de como surgiu a literatura afro-brasileira, a presença de Evaristo para tratar sobre a opressão que os negros sofrem até hoje.

Nesse contexto, o estudo desse trabalho identificou a partir dos contos de Evaristo, Como a violência de gênero cometida contra as mulheres negras afetam esse público e quais são as estratégias de resistências utilizadas por elas para superar essa violência, e como os fatos históricos contra essas mulheres e o patriarcado influenciam para a perpetuação dessa violência. Com isso, podemos analisar o modo como as protagonistas dos contos reagem diante as violências sofridas. Para tornar essa pesquisa possível foi necessário o estudo de autores como Conceição Evaristo, Constância Lima Duarte, Lélia Gonzalez, bell hooks, Djamila Ribeiro, Ângela Davis, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Heleieth Saffioti dentre outras intelectuais negras (as) que promovem estratégias de lutas e resistência contra a violência vivenciada pelas mulheres negras.

Portanto, foi apresentado Como a interseccionalidade de gênero, raça, classe na obra de Evaristo nos ajuda a entender como ocorre as diferentes formas de opressão contra as mulheres negras, e como o patriarcado influencia na perpetuação dessa violência. E como as vítimas são resistentes a violência que os agressores fazem contra elas. O primeiro capítulo apresentou os tipos de violência que as protagonistas sofreram e como essa violência aconteceu ao longo da história do Brasil com as mulheres negras a partir de uma breve abordagem histórica, e assim foram apresentados qual a importância da literatura afro-brasileira para debater e combater essas violências, O segundo capítulo apresentou estratégias de resistência que as personagens tiveram para enfrentar a violência de gênero. O terceiro capítulo foi apresentado a discussão de como o patriarcado influencia na violência de gênero.

Desse modo, o primeiro capítulo discute a importância de reconhecer a violência de gênero como um fenômeno social complexo, que exige além da denúncia ações concretas para a transformação das estruturas que a sustentam. A obra de Conceição Evaristo mostra uma reflexão sobre a violência de gênero evidenciando as feridas que essa violência deixa na vida das mulheres a partir da representação das protagonistas das suas obras. Evaristo estimula uma busca coletiva por justiça e igualdade para a construção de uma sociedade mais justa para as mulheres que sofrem algum tipo de violência ao longo da sua vida.

Diante disso, o segundo capítulo mostra como a obra de Evaristo manifesta como as personagens femininas resistem à violência de gênero, a obra evidencia que mesmo diante das adversidades extremas as mulheres encontram formas de lutar e afirmar sua identidade através da resistência e da sororidade feminina. Este trabalho ressalta que a resistência se manifesta nas pequenas escolhas diárias das personagens, ele mostra a violência de gênero que ocorre na obra, e as estratégias de resistência das personagens que sofrem com a violência de gênero.

Em conclusão, o terceiro capítulo faz uma análise de como o patriarcado influencia na perpetuação da violência de gênero, revelando como essas estruturas estão ligadas as personagens dos contos analisados, expondo os efeitos devastadores do patriarcado, e mostrando as raízes históricas e culturais que sustentam esse movimento. O trabalho mostra como Evaristo se utiliza das experiências das personagens dos contos para mostrar como o sistema patriarcal influencia na desigualdade entre homens e mulheres. Assim, o trabalho apresenta como a obra de Evaristo se torna um instrumento contra as estruturas patriarcais e como a autora dar voz às vivências das mulheres que desafiam a violência e o sistema patriarcal.

A pesquisa mostra que a violência contra a mulher negra é um problema que está enraizado na sociedade brasileira e sustentado em pilares como o racismo, sexismo, e o patriarcado. A literatura afro-brasileira em sua produção consegue desconstruir esses pilares que coloca a mulher negra como um ser inferior. As personagens denunciam os tipos de violências sofridos por elas, e a partir das suas personagens ela debate o que acontece diariamente em nossa sociedade. Contudo, podemos ver a importância de apresentar uma pesquisa que estude a interseccionalidade na escrita Evaristiana para tratar de temas como a violência contra as mulheres negras na literatura brasileira mostrando as várias faces dessa

violência e como ela impacta na vida dessas mulheres. Assim, podemos ver a importância das denúncias contra a opressão que Evaristo faz nas suas obras fazendo da literatura afro-brasileira um campo que dar voz as mulheres negras que historicamente vem sofrendo pela dominação masculina.

Diante disso, a literatura afro-brasileira escrita por Conceição Evaristo tem grande relevância na denúncia da violência sofrida por grupos de mulheres negras que são marginalizadas, discriminadas, espancadas por um sistema opressor e violento que coloca as mulheres negras como seres inferiores aos demais grupos. Suas obras procuram desconstruir esse sistema de opressão, ela faz isso dando vozes as mulheres que foram silenciadas durante séculos por esse sistema gerando uma corrente de sororidade entre as vítimas. Com isso, Evaristo se tornou uma das grandes escritoras do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BAIROS, Luiza. “ **Nossos feminismo revisitados**”. Revista estudos feministas, v.3, n.2, UFSC, 1995, p. 458-463.
- Carneiro, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen livros, 2019.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Conceição Evaristo. In: Eduardo de Assis Duarte (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. 1. reimpr. Belo Horizonte: UFMG, 2014^a, p. 207-226. (Consolidação, v. 2).
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2013, 244p.
- DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2016. p.147-57
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e identidade: a literatura afro-brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 2007, Gonzalez, Lélia. A mulher negra: Mito e Realidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- DUARTE, E. de A. **Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra**. 2014, Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/152-eduardo-de-assis-duarte-entre-orfeu-e-exu-a-afrodescendencia-toma-a-palavra>.
- DUARTE, Constância Lima. **Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrevivência**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-150.
- DUARTE, Constância Lima. “**Gênero e violência na literatura afro-brasileira**”. In: DUARTE, C. L. et al. **Falas do outro: literatura, gênero, identidade**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p.229-234
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de mulheres**, Belo Horizonte: Nandyala, 2011. EVARISTO, Conceição. **Escrevivendo me: ligeiras linhas de uma autoapresentação**. In: MOREIRA, Nadilza Martins; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 4., 1980, Rio de Janeiro. Anais. Grupo de trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1980. p. 223 – 245.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. E- book.
- _____. **Literatura e afrodescendência**. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assisduarte-literatura-e-afrodescendencia>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- LINHARES, R. **Violência, trauma e empoderamento representados nas insubmissas lágrimas de mulheres, obra ficcional de Conceição Evaristo**. Tese (mestrado em letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros/RN, 2018.
- MELO, I. **Mulheres inscritas insubmissas: estudo sobre a representação feminina em insubmissas lágrimas de mulheres de Conceição Evaristo**. Tese (mestrado em literatura e memória cultural) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2020.
- RIBEIRO, Djamil. **O que é lugar de fala**. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- TEODORO, S. **A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de insubmissas lágrimas de mulheres de Conceição Evaristo**. Tese (mestrado em

literatura brasileira) – Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2015.

FIGUEIREDO, Angela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>

_____. **Gênero patriarcado violência**./ Heleieth Iara Bongiovani Saffioti. - 2. ed – São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

ONU Mulheres. Não Tem Desculpa: A ONU se une à campanha de 2024. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/naotemdesculpas-una-se-2024/>. Acesso em: 1 abr. 2025.